

PUC-SP PROTESTA CONTRA POSSE ILEGÍTIMA DE ANNA CINTRA

Que prevaleça a soberania da comunidade!

A PUC-SP que sofreu duas invasões policiais, em 1977 e 2007, se vestiu de negro para protestar contra uma das maiores vergonhas de sua história: a professora Anna Maria Marques Cintra, última colocada nas eleições realizadas em agosto, foi a escolhida pelo Grão-Chanceler Dom Odilo Pedro Scherer para ocupar o cargo de reitora da universidade.

A professora ludibriou a comunidade poucas semanas antes da eleição quando afirmou que não assumiria a reitoria caso não fosse a primeira colocada.

Pior do que isto, Anna desrespeitou o Conselho Universitário, que nomeou um reitor interino, professor Marcos Masetto, até que seja julgado o recurso impetrado pelos estudantes contra a sua posse

Nesta edição especial do *PUCviva* mostramos toda a revolta da comunidade diante do golpe perpetrado contra a PUC-SP, que fez com que estudantes, professores e funcionários saíssem em greve contra o autoritarismo. Atos, aulas públicas, assembleias, performances, passeatas, a comunidade não parou um só instante na semana passada. Veja também o Consun histórico que mostrou a força do movimento e a vitória de professores e funcionários no Tribunal Regional do Trabalho, contra o pedido de ilegalidade de suas paralisações.



ROBERTO DE OLIVEIRA

Estudantes e professores, de luto pela posse de Anna Cintra, cobrem de preto a universidade

Professores reafirmam continuidade do movimento

Duas assembleias marcaram a semana dos professores. Com grande presença na sala 333, os docentes reafirmaram a sua disposição de continuar na luta pela democracia na PUC-SP e contra a posse da professora Anna Maria Marques Cintra.

Na segunda-feira, 26/11, os professores discutiram a audiência no Tribunal Regional do Trabalho, onde a Fundação reivindicava a abusividade da greve. Além disso foram discutidas as atividades de paralisação como aulas públicas e entrega de cartas de protesto ao cardeal e à professora Anna Cintra.

Já na quinta-feira, 29/11, sob o impacto da notícia da posse da professora no dia seguinte, os docentes discutiram os encaminhamentos do movimento para se contrapor ao ato do cardeal.

Os professores, de um modo geral, avaliaram o resultado do Consun como positivo porém reconheceram que as decisões tomadas no Conselho decorreram fundamentalmente da vontade da comunidade que, paralisada, protestava contra a nomeação do cardeal.

Assim decidiram continuar sua paralisação, transformando-a agora em assembleia permanente com a participação dos docentes nas atividades de mobilização no campus Monte Alegre contra a posse da professora Anna. Por outro lado decidiu-se conclamar os conselheiros do Consun a se mobilizar para fazer valer a decisão

tomada na quarta-feira, 28, para que o professor Marcos Masetto tomasse posse interinamente (veja matéria na página ao lado).

O resultado da audiência no TRT (veja matéria ao lado) também foi avaliada de maneira positiva, refletindo a compreensão da Justiça do Trabalho de que nosso movimento é político e, de nenhuma forma, abusivo. Ao encerrarmos esta edição os professores tinham marcada uma nova assembleia que aconteceria nesta sexta-feira, 30/11. A cobertura poderá ser encontrada no site www.apropucsp.org.br.

ESTUDANTES

Cerca de 450 estudantes se reuniram em frente à reitoria na noite de quinta-feira, 29/11, para discutir as próximas ações do movimento. Dada a incerteza quanto às próximas atitudes do Cardeal e da Fundasp, os estudantes apenas deliberaram uma vigília durante a noite e o dia seguinte, 30/11. Os estudantes ainda reforçaram seu posicionamento de não aceitar Anna Cintra enquanto reitora da universidade e mantiveram a promessa ao impedir a entrada da indicada por Dom Odilo Scherer na reitoria na manhã de sexta-feira. Outra deliberação da assembleia foi de realizar o Enterro da Democracia na PUC-SP na noite de sexta-feira, evento onde simularam um velório devido aos diversos e seguidos desrespeitos à comunidade puquiana.



Professores votando a continuidade da greve em assembleia

GUILHERME ALMEIDA

Juíza do trabalho adia decisão sobre caráter abusivo da greve

A juíza Rilma Eleutério, da 2ª região do Tribunal Regional do Trabalho (TRT), adiou a sentença sobre caráter abusivo da greve de professores e funcionários, em audiência realizada na quinta-feira, 29/11, no prédio do TRT.

Dias antes, a Fundação São Paulo (Fundasp) havia entrado com pedido de liminar de suspensão da greve das duas categorias, por considerar o movimento grevista ilegítimo e abusivo, requerendo a volta imediata dos dois setores às suas atribuições normais de trabalho.

Na audiência, a juíza indicou o desembargador Francisco Ferreira Jorge Neto

como relator do processo, que trará em uma próxima sessão seu parecer sobre o litígio jurídico que se estabeleceu entre as associações representantes e a mantenedora das PUC-SP, Fundasp.

De acordo com a diretoria da AFAPUC, é possível que os funcionários em greve tenham que repor os dias de trabalhos em que ficaram paralisados. Já em relação aos professores, segundo APROPUC, eles podem ter desconto na folha de pagamento. Tudo isso, porém, ainda não foi deferido pela juíza, que convocará a próxima sessão provavelmente só no ano que vem, e deve ser discutido em assembleia das duas categorias.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira, 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua João Ramalho, 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto de Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischardt

Consun aprova adiamento da posse de Anna Maria Cintra

Foi um dos maiores e mais movimentados Conselhos Universitários da história da PUC-SP e depois de quase sete horas de discussão os conselheiros decidiram suspender temporariamente a da decisão do Consun que homologou o resultado do processo eleitoral.

Foi difícil conseguir-se quorum, pois os apoiadores de Anna Cintra apostaram todas as fichas no esvaziamento da sessão. Quando o 21º conselheiro sentou-se na mesa, começaram a aparecer, de mansinho, os conselheiros que defendiam as posições de Anna Cintra. Também surgiu em cena o advogado José Carlos Fagoni Barros que se dizia procurador de Anna Cintra, pedindo a palavra e brandindo uma procuração da professora que pedia vistas do processo dos estudantes e da AFAPUC que reivindicava a desconstituição da decisão do Consun que homologou o resultado do processo eleitoral. Na mesma direção foi o encaminhamento do professor Vidal Serrano, representante da Fundação São Paulo, que pedia vistas do processo.

Na primeira parte os conselheiros dedicaram-se a criticar as atitudes de Anna Cintra e do Cardeal Dom Odilo Scherer. As maiores críticas centravam-se principalmente na atitude da professora quando assinou um compromisso com a comunidade de não assumir se não fosse a primeira colocada e depois de ficar em último lugar, negou o que havia dito afirmando que



Plateia faz manifestação silenciosa durante sessão do Consun

GUILHERME ALMEIDA

o papel assinado no Roda Viva, não passou de armação dos estudantes. Também foi criticada a intransigência da candidata em conversar com o movimento, já que a greve de professores, alunos e funcionários originou-se de sua decisão.

Por outro lado os defensores da candidata rezeavam-se nos elogios às qualidades da professora e as denúncias de que o movimento da comunidade era violento. Luiz Augusto de Paula, o Tuto, vice-diretor da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, chegou a comparar as manifestações com práticas fascistas, mas concluiu dizendo que preferia que Anna Cintra não aceitasse a nomeação.

A representante discente Caroline Velloso leu a carta da comissão de greve endereçada à professora Anna Maria Cintra, citando a sua atitude.

SEGUNDO TEMPO

Na segunda parte do debate a expectativa era que a professora Anna estivesse

presente ao Conselho, porém, alegando compromissos inadiáveis, a docente entregou uma carta que foi lida pela conselheira Alexandra da Fafcla, onde alegava novamente compromissos inadiáveis que a impediram de comparecer, mas reiterava sua intenção de diálogo com a comunidade e a excelência de sua equipe. Essa postura foi muito criticada pelos conselheiros que estranharam a intenção de diálogo quando a professora negou duas vezes o convite para vir ao Consun.

A professora Haydée Roveratti, que comandava a sessão no impedimento do professor Dirceu de Mello, colocou em votação o pedido de vistas do professor Vidal Serrano, já que a professora Anna, por não ser conselheira, não teria direito a vistas. A grande maioria dos conselheiros concedeu vistas ao processo, concedendo ao professor o prazo de 48 horas para exame do documento e cinco dias para a manifestação de Anna Maria sobre o teor do pedido dos estudantes.

Feito isto restou aos conselheiros votarem o efeito suspensivo ao recurso, uma vez que a posse da professora estava marcada para quinta ou sexta-feira e, caso ela assumisse, a discussão do recurso estaria prejudicada.

Assim, por 14 votos contra 9 e uma abstenção, o Conselho aprovou o efeito suspensivo às deliberações do recurso, postergando assim a posse da candidata, pelo menos, até dia 12/12, quando o recurso será julgado. Como o cargo de reitor ficaria vacante neste período o Consun nomeou, por aclamação o representante docente da Faculdade de Educação, Marcos Masetto, que aceitou assumir o cargo temporariamente, até 12/12, quando nova sessão julgará o recurso dos estudantes.

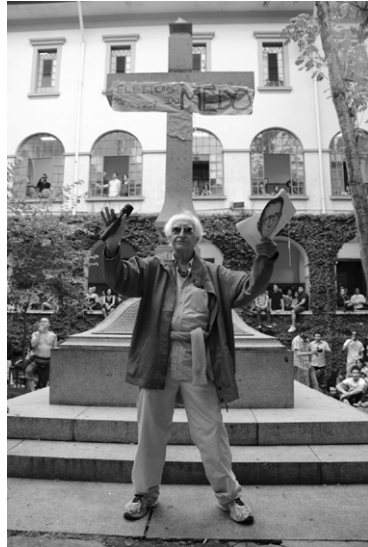
O Consun também aprovou uma moção ao Grão-Chanceler da PUC-SP, pedindo especial consideração do cardeal às decisões do Conselho e pela manutenção do diálogo entre os envolvidos no processo de escolha da nova reitoria.

No Pátio da Cruz, ato poético-político com Zé Celso

Na terça-feira, 27/11, o diretor teatral Zé Celso Martinez Correa realizou no Pátio da Cruz um ato poético-político, protestando contra a nomeação da professora Anna Maria Cintra ao cargo de reitora.

A performance, que durou pouco mais de meia hora, criticou o autoritarismo da Igreja Católica, simbolizada por um boneco paramentado como Bento XVI. Durante as falas os atores bradavam palavras de ordem relativas ao movimento de greve como "Fora Anna Cintra" e "Não Passarão".

O espetáculo ganhou grande repercussão na imprensa (a Folha de S.Paulo



Acima, boneco que representava Bento XVI caído no Pátio da Cruz. Ao lado, Zé Celso durante a apresentação

divulgou a foto ao alto da primeira página) e dividiu opiniões dentro e fora da universidade pela polêmica que o diretor sempre causa

em suas apresentações.

Zé Celso foi aluno do Curso de Filosofia da PUC-SP (na época ainda vinculado à Faculdade São Bento)

em 1956. Segundo o diretor sua saída antes da conclusão do curso deveu-se à falta de liberdade que a universidade ostentava na época.

Aulas públicas trazem a democracia universitária ao centro do debate

Se a paralisação que se instalou na comunidade puquiana após a nomeação de Anna Cintra para reitora da PUC-SP impossibilitou a continuidade do calendário acadêmico oficial, isso não impediu que aulas públicas e a construção de conhecimento se desenvolvessem em meio às atividades da greve geral na universidade.

Pelo contrário. Renomados professores e personalidades estiveram semana passada na PUC-SP e falaram para públicos interessados em discutir a história, democracia e a educação puquianas, além dos processos antidemocráticos que acontecem hoje em diversas universidades país afora.

Na segunda-feira, 26/11, foi a vez de Celso Favaretto e Zé Miguel Wisnik comparecerem à prainha. No dia seguinte, Paulo Arantes e Plínio de Arruda Sampaio Jr. ministraram aula pública na quadra. E na quarta-feira, 28/11, a presença de Marilena Chauí lotou o auditório 239 do prédio novo. Os debates foram transmitidos ao vivo pelo site da Agência Maurícia Tragtenberg.

Além dessas aulas, outras atividades com caráter semelhante aconteceram ao longo da semana no Campus Monte Alegre e em quase todos os Campi da PUC-SP, como no Campus Marquês de Paranaguá, na Rua da Consolação.



Acima, Plínio de Arruda Sampaio Jr. e Paulo Arantes em aula pública na quadra. Ao lado, Celso Favaretto e Zé Miguel Wisnik durante evento realizado na Prainha.

Na Avenida Paulista, um ato público pela Democracia na PUC-SP

Estudantes de diversos campi da PUC-SP e de outras universidades como Unicamp, Unifesp e USP estiveram presentes em marcha pelas ruas de São Paulo no dia 28/11 para protestar contra a nomeação de Anna Cintra para reitora da pontifícia. O ato, organizado pela Comissão de Greve, teve início no Museu de Arte de São Paulo, com falas de diversas entidades e estudantes, além da aula pública com Vladimir Safatle, filósofo e professor da Universidade de São Paulo, sobre a quebra da democracia tanto na PUC-

-SP recentemente quanto em outras universidades e a importância da resistência de estudantes, professores e funcionários.

Os estudantes, que reivindicavam a recusa de Anna Cintra ao cargo, caminharam gritando palavras de ordem e distribuindo um panfleto à população, onde contextualizavam a falta de democracia na PUC-SP e também em universidades estaduais e outras privadas, como a Anhanguera.

O ato seguiu em direção à rua da Consolação, se encaminhando para o cam-



Estudantes reunidos no início do ato público, no MASP

pus Marquês de Paranaguá da PUC-SP. Ao chegarem ao campus, os estudantes se depararam com salas de aula trancadas, com todas as turmas ainda realizando suas provas finais, e professores recusando o diálogo e a abertura das salas. Os estudantes seguiram seu ato dentro da universidade, terminando a marcha na quadra, onde deliberaram assembleia para o dia seguinte. A Comissão

de Greve escreveu uma moção de repúdio à atitude dos professores que, segundo diversos estudantes, além de trancarem os estudantes na faculdade, ainda apagaram as luzes e ordenaram silêncio até que o ato acabasse, permitindo apenas no final que acendessem as luzes e saíssem do local. A moção de apoio pode ser lida na página do movimento no Facebook, em <http://migre.me/c8sNw>.

MÔNICA RAMOS

Tribunal Popular condena Anna Cintra e Fundasp

A Comissão de Greve decidiu organizar o Tribunal Popular da Democracia, evento que simulou um júri onde os réus seriam a reitora nomeada pelo Cardeal D. Odilo Scherer, Anna Cintra, e a Fundação São Paulo. Com diversos professores da universidade convidados para compor o júri, de caráter popular, o tribunal aconteceu na noite de segunda-feira, 26/11, no Pátio da Cruz.

Um dos articuladores do Tribunal Popular, Givanildo Manoel, formado no curso de História da PUC-SP, iniciou o evento explicando a estrutura do tribunal, que conta com falas da acusação e da defesa, além de um júri, um juiz e rápidos depoimentos sobre os crimes cometidos pelos acusados.

Sob o comando do "juiz" José Damião de Lima Trindade, procurador do Estado de São Paulo, o Tribunal contou com depoimentos de professores e



Professor da Economia, Áquilas Mendes, durante seu depoimento, ao lado de José Damião de Lima Trindade, procurador do Estado de São Paulo

funcionários, representados por Beatriz Abramides, professora do Serviço Social que declarou que a decisão do cardeal foi uma "imposição autocrática sobre a liberdade e democracia da PUC-SP", e por Nalcir Antonio, que, exibindo faixa utilizada por funcionários durante o último período de demissões, avisou que, caso percam seus empregos, perderão de cabeças erguidas. Fábio Nassif, jornalista formado pela universidade, declarou que, caso a Fundação São Paulo

e a Anna Cintra fossem condenados, o júri teria que condenar também Maura Veras, reitora no período 2004-2008 que abriu as portas da universidade para a Polícia Militar e sindicou diversos estudantes.

No papel de acusação, o professor do departamento de Direito Leonardo Massud declarou que é necessário acusar Anna Cintra por não respeitar a história e democracia e por mentir ao assinar o compromisso com a comunidade,

além de culpar a Fundasp pelo desrespeito à comunidade. Já a defesa foi feita pelo aluno da pós-graduação em História Rodolfo Machado e pela advogada formada pela universidade Irene Guimarães, que resgataram o histórico da universidade, os benefícios que a Fundasp trouxe à PUC-SP e declararam que o estatuto foi aprovado pela comunidade, tornando professores, funcionários e estudantes culpados da situação da universidade.

O júri, composto por Áquilas Mendes, do departamento de Economia, Natália Parizotto, estudante do Serviço Social, João Batista Teixeira, do departamento de Inglês, Jonnefer Barbosa, do departamento de Filosofia, e Victoria Claire Weischtordt, do departamento de Inglês, declararam a Fundasp, Anna Cintra e a ex-reitora Maura Veras culpados pelos crimes cometidos na PUC-SP.

MÔNICA RAMOS

FALA COMUNIDADE

A tradição, a ação e a memória

(Carta aberta à profa. Dra. Anna Maria Cintra)

Rodolfo Vianna

Quando recebi a notícia da nomeação da terceira colocada nas eleições da PUC-SP pelo Grão-Chanceler D. Odilo Scherer para assumir como reitora, pensei: bom, não é possível, creio que o bom senso prevalecerá e o Cardeal perceberá o equívoco que cometeu.

Porém, na sequência, lembrei que o Cardeal representa a Igreja Católica, a mesma igreja que é contra as campanhas de distribuição de preservativos para o combate a disseminação da AIDS assim como também abafa os escandalosos casos de pedofilia que acontecem em seus seminários... daí, de chofre, descartei a possibilidade de que prevalecesse o bom-senso por parte da instituição. Mas talvez o Cardeal pudesse perceber o equívoco e retratar-se, continuei na minha linha de raciocínio. Mas então me veio o fato de que essa mesma Igreja Católica demorou 350 anos para

reconhecer o seu equívoco quando condenou Galileu... 350 anos... E o homem já tinha pousado na Lua. Bom, em tanto tempo assim estaremos todos mortos, e não mais importará o reconhecimento do erro por parte de D. Odilo ou de outro que venha a ocupar o cargo de Grão-Chanceler da PUC, se é que ainda existirá PUC ou mesmo a Igreja Católica.

E ainda com boa vontade, li a carta da Fundação São Paulo (que representa os interesses da Cúria junto à PUC) na qual afirmava que não reconhecia a legitimidade do movimento grevista, nem sua representatividade. Assim como também conclamava a todos "que, de fato, amam a PUC" para que não aderissem à greve e continuassem seus trabalhos.

Bom, ponderei novamente, o Vaticano é uma monarquia absolutista de cunho teocrático. Sua organização política, enquanto Estado, é pior do que a do Irã. Sua Eminência, o Arcebispo Metropolitano de São Paulo, Dom Odilo

Pedro Cardeal Scherer, assim como todos os demais cardeais, são conhecidos como os "Príncipes da Igreja" por ela mesma. E é essa instituição que vai saber compreender o que é legitimidade ou mesmo representatividade, apontando o dedo para a comunidade universitária? Creio que não, até porque democracia, legitimidade e representatividade fogem à lógica deles.

E sobre o amor? O que sabe a Igreja Católica sobre o amor, ela que faz um constante e pesado lobby junto ao nosso Estado laico (e a muitos outros pelo mundo) para o não reconhecimento do direito civil, e reitero o civil, da união homoafetiva, condenando milhões de filhos de Deus que simplesmente querem amar e serem amados a um sofrimento psíquico e mesmo físico, quando alvos de intolerância homofóbica? E o que sabe D. Odilo sobre o amor da comunidade puquiiana para com a sua própria universidade, ele

que é somente o Grão-Chanceler por ser o atual Arcebispo de São Paulo (é uma prerrogativa do cargo que ocupa), contra aqueles muitos outros da comunidade que dedicaram partes valiosas das suas vidas, 10, 20, mais de 30 anos, para a construção da PUC?

Confesso que, nessa hora, minha boa vontade esgotou-se frente à fria racionalidade dos fatos. E conclui que o Cardeal, afinal, estava sendo paradoxalmente coerente. E nada mais poderia esperar do Príncipe da Igreja.

Porém, a profa. Dra. Anna Maria Cintra, que foi a menos votada nas eleições mas foi a nomeada pelo Cardeal, não faz parte da hierarquia da Igreja Católica. Ela sim faz parte da comunidade acadêmica da PUC-SP, também contribuiu para sua construção (assim como muitos outros professores, funcionários e estudantes, incluindo os outros dois candidatos a reitor) e, em última instância, é a essa comunidade que responde.

Tanto é assim que ela participou no processo de eleição, apresentando as suas propostas, debatendo suas ideias e projetos com o conjunto da comunidade, oferecendo sua plataforma como uma das possibilidades para o desenvolvimento da PUC,

	Dirceu de Mello	Francisco Serralvo	Anna Cintra
Professores	36% (457)	25% (320)	39% (501)
Estudantes	36% (2588)	39% (2878)	25% (1820)
Funcionários	44% (519)	29% (339)	27% (320)
Votos ponderados	8.382,97	6.785,59	6.641,61

continua na próxima página

continuação da
página anterior

buscando o voto e a confiança da comunidade que ela pretendia liderar. Porém, a comunidade acadêmica não foi convencida dessa plataforma, e ela acabou sendo a menos votada entre os três candidatos (veja quadro nesta página)

Ainda que em nota de seus apoiadores seja mencionado que a professora Anna Cintra ganhou entre os professores (argumento que em si não significa nada), a vantagem nesse seguimento foi de apenas 3 pontos percentuais em relação ao primeiro colocado. Enquanto que no segmento dos estudantes ela ficou atrás por 11 pontos percentuais e, entre os funcionários, por 17 pontos percentuais.

Enfim, essa carta não é endereçada ao Cardeal, até porque ele única e exclusivamente responde à hierarquia da Igreja Católica que pertence, assim como respeita suas regras e, mais, tenho certeza que ele também respeita suas

tradições mesmo que ainda não normatizadas. Dirijo-me a quem faz parte da mesma comunidade que eu, da comunidade acadêmica da PUC. Dirijo-me à profa. Dra. Anna Maria Cintra.

Professora, a senhora sabe melhor do que eu que a nossa universidade tem suas tradições e suas memórias. É essa memória que sempre evocamos ao falar do corajoso ato da então reitora Nadir Kfoury que, em tempos muito mais sombrios que os nossos, se recusou a dar a mão ao coronel Erasmo Dias quando da ocupação da PUC: "não dou a mão a assassino", teria dito ela. É essa memória que sempre evocamos ao saudar o gesto de D. Paulo Evaristo Arns, então Grão-Chanceler da PUC, que deu abrigo e trabalho a professores perseguidos pela ditadura militar, entre eles Florestan Fernandes (ateu), Octavio Ianni (ateu) e Bento Prado Jr., entre outros. E é desse tecido de memória, incluindo tantas outras que tiveram a PUC como palco de uma bela luta pelos

direitos humanos e pela conquista da democracia no Brasil, que é construída a tradição democrática, e gloriosa, da nossa Universidade. E nessa tradição está inscrito também que, pelo menos desde a década de 80, o mais votado pela comunidade torna-se seu reitor.

Enfim: hoje é essa mesma memória que paira sobre a sua cabeça. Seu nome definitivamente será lembrado por aqueles que hoje estão na PUC como por aqueles que um dia ainda ingressarão nela. Porém, cabe à senhora saber como ele será evocado: como a da professora que, compreendendo seu pertencimento à comunidade acadêmica, gentilmente declinou da indicação do Grão-Chanceler por entendê-la como contrária à vontade da PUC, mantendo a tradição democrática da universidade, em um gesto de coragem e integridade que definitivamente merecerá ser lembrado por todos; ou como aquela professora que, balançando no ar o estatuto, a fria letra da lei, e a benção do

Cardeal, apossa-se da reitoria de uma comunidade acadêmica que não votou para que estivesse lá. Reitero o óbvio, seu nome já será lembrado, mas ainda lhe cabe a escolha de como será evocado.

Uma gestão é de quatro anos, professora, como sabe. Mas decidir por quatro anos de gestão interferirá em toda a sua biografia pregressa (que respeito, em absoluto, pelo menos por ora) como também marcará toda a sua biografia futura (que está em aberto, dependendo somente de um gesto seu), no futuro e longo tempo da memória que essa universidade sempre prezou em conservar.

É por isso que sua ação implicará, quer queira ou não, uma marca na nossa tradição passada e na nossa memória futura. E esse ato é de inteira responsabilidade sua, não havendo nenhum alibi plausível.

Rodolfo Vianna é Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - LAEL/PUC-SP

Contexto: Greve

Nara Pontes

Queridos Professores,
Como sabemos a PUC é uma universidade Católica, e neste caso, conciliar a crença cristã com o pensamento e o conhecimento é também dever da Igreja, mas quando se pressupõe que a Igreja está a ser rendida às tendências do mercado e a

priorizar o lucro, o ganho fácil, não se importando com a qualidade do ensino, dos cursos que oferece, das condições de trabalho que dispõe aos seus docentes, muitos doutores e pesquisadores, isto é preocupante. É contribuir enormemente com a precarização da educação.

Dizer que estamos a fazer uma greve ilícita porque consta no esta-

tuto da instituição que o grão-chanceler escolhe um nome da lista tríplice de candidatos, é no mínimo, querer desvirtualizar uma realidade que está ao alcance de todos. O que supostamente ali se pretende é a comercialização de diplomas (para saldar dívidas).

Compreendo que como parte integrante da casa muitos de vocês sejam levados a silenciar.

Mas da minha parte farei ecoar as vossas dores, os vossos receios e preocupações.

Ainda somos uma das melhores universidades do país, e que conta com uma equipe de profissionais por quem vale a pena lutar, vocês!

Um abraço consciente

Nara Pontes é estudante de Letras PUC/SP.

FALA COMUNIDADE

A PUC-SP está viva e luta contra um golpe previamente anunciado

Coletivo Rompendo Amaras - Oposição de Esquerda/UNE

No dia 13 de novembro de 2012 a PUC-SP sofreu uma das maiores manchas da sua história, com a nomeação, por parte da Fundação São Paulo, de Anna Cintra para reitora, 3ª colocada no processo de votação para o cargo entre os professores, estudantes e funcionários da universidade. Esta é a primeira vez na história da universidade que a escolha da comunidade não é acatada pela mantenedora da universidade e, longe de ser uma ação isolada por parte da Fundasp, representa uma tentativa de golpe final contra a autonomia da PUC-SP.

A história da nossa universidade é marcada por estar sempre na vanguarda na luta contra os problemas sociais do nosso país e isso é fortemente representado pelo combate ocorrido no dia a dia da PUC-SP durante os anos 70 contra a ditadura e pela liberdade de expressão. Durante este período triste da história do nosso país, a PUC-SP adotou a eleição democrática para reitor, sendo a primeira universidade a utilizar este método eleitoral, e desde então a opinião da comunidade foi respeitada, o que configura a nomeação da Anna Cintra para reitora uma atitude

mais anti-democrática do que as ocorridas durante a ditadura militar no nosso campus, pois agora quem tolhe a liberdade são as próprias pessoas que dizem fazer parte da comunidade puquiãna.

Porém esta história passou a ser transformada nos anos 2000. Ano após ano passamos a ver a transformação radical da universidade, passamos de ser uma universidade com mensalidades a preço acessível, com professores bem remunerados e com condições para desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão e funcionários que tinham ligação com a PUC-SP para sofrermos intervenções diretas e indiretas da Fundação São Paulo diminuindo a democracia e precarizando o nosso ensino.

Durante a gestão Ronca (1993 - 2004) passamos a sofrer com o abusivo preço das mensalidades que subiam acima da inflação, um primeiro golpe na democracia, um golpe ao acesso à universidade que passou a excluir a maior parte da população brasileira da possibilidade de frequentar os seus campi. O motivo para tais atos era o grande valor da dívida da universidade com os bancos e os estudantes resistiram a tal medida, com greve e ocupação da reitoria.

O mesmo motivo foi o utilizado para justificar a demissão de quase mil pro-

fessores e funcionários em 2006, já durante a gestão de Maura Veras (2005 - 2008). A resposta foi quase imediata: greve geral, porém não com força suficiente para barrar a maximização do contrato dos professores e a terceirização de grande parte do quadro de funcionários. Pelo contrário, no mesmo ano foi assinado um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) entre a PUC-SP e o Ministério Público, que previa uma série de "adequações" da universidade para sanar seu déficit financeiro, adequações que visavam exclusivamente à diminuição da qualidade das nossas aulas e a maior intervenção da mantenedora nos rumos da PUC.

Foi neste clima que tivemos o Redesenho Institucional em 2007. Denunciado pelos estudantes e por parte dos professores e funcionários, via ocupação da reitoria, tivemos a institucionalização da intervenção direta da Fundasp na universidade via criação do CONSAD, composto por dois representantes da fundação e o reitor e superior ao Conselho Universitário. A partir desta medida a democracia interna parou de existir, todas as decisões tomadas pela comunidade teriam que ser aprovadas pelo conselho, ou seja, só acontecerá na PUC o que a mantenedora autorizar.

Foi assim que começou a 1ª gestão de Dirceu de

Mello (2009 - 2012) e os ataques à comunidade universitária continuaram a acontecer. Os contratos dos professores foram remaximizados, as mensalidades subiram 10% ao ano, as secretarias de curso foram substituídas pela SAE e inúmeras outras medidas que tinham como efeito elitizar a universidade e restringir a participação dos estudantes, funcionários e professores dos espaços deliberativos.

Ou seja, a quebra da democracia da universidade não passou a acontecer neste 13 de novembro com a nomeação da Anna Cintra, este é o ápice de uma crise que já dura mais de 10 anos. Mas, como em todos os momentos de crise, escancara-se de vez o debate: que PUC queremos? É esta a reflexão que temos que ter em nossas ações para além do "Fora Anna Cintra".

A nomeação do reitor eleito democraticamente, Dirceu de Mello, se faz extremamente necessária, não podemos aceitar este golpe que Dom Odilo tenta nos impor. Garantir a aplicação da decisão da comunidade é central. Mas também é necessário que durante sua próxima gestão, Dirceu rediscuta os rumos que a PUC-SP tem tomado nos últimos anos. Não podemos simplesmente

continua na próxima página

continuação da
página anterior

As razões que nos impelem

Egydio Barbosa Zanotta

Este é o nosso último bastião democrático: eleger nosso reitor livremente

Nos tiraram tudo:

As finanças estão com a FUNDAÇÃO, para onde vão? Como são administradas? Nada é transparente, a Fundação não dá satisfação de seus atos.

Os recursos humanos (pessoas) passaram para a Fundação. Funcionários estão sendo colocados na berlinda é a lei do mais forte: incompetência para gerir e bem administrar a PUC-SP, são pagas pelo que nelas labutam e trabalham - funcionários e professores sem o menor pudor católico e apostólico romano. Será que o cardeal arcebispo sabe disso? Quem são seus informantes? Só pode ser em última análise os padres que compõem a cúpula da Fundação. Como cristão, que o são, agem desta maneira? Que falta de humanidade.

E a SAE? Seus funcionários são um apêndice da Fundação. Há duas semanas, recebi estupefato dois alunos que, finalmente, descobriram que estavam inscritos na minha turma de marketing II. Isso é corriqueiro. Aí aparece um professor e diz, numa assembleia, que a má administração da reitoria o fez desistir de lá continuar!!! Como conheço praticamente quase todos os pró-reitores, em especial o professor Mariano, pró-reitor administrativo, ex-presidente do Sindicato dos Contabilistas de São Paulo, gente competente, mas que estava manietado pelo golpe

que a Fundação deu antes do início da sua gestão - como administrar uma universidade do porte da PUC-SP sem poder contar com os recursos necessários? Só se este professor que criticou os pró-reitores, em especial o professor Mariano, tiver uma varinha mágica para fazer chover no deserto. É inacreditável que gente como esta não veja o que se passa em torno de nós. O pior é que esta infantil ideia, despida de qualquer análise criteriosa, seja disseminada entre vários outros professores de nosso departamento e só e principalmente nele. É INCONCEBÍVEL.

E o que dizer do "comandante" do setor de informática? Não funciona. Mas dizem "o encarregado é o queridinho dos padres", e nada se pode fazer para removê-lo e trocá-lo por outro funcionário mais competente. É de estarrecer.

O pior é que a comunidade é enganada com estas miríades de soluções mágicas, apresentadas por alguns candidatos.

A PUC-SP está se escondendo, está fugindo da raia - está perdendo espaço para universidades medíocres e sem tradição. Não fazemos divulgação, não promovemos a marca PUC, e qual a desculpa: Não temos verba!

Mas o pior está por vir: a atual favorita dos padres e do cardeal obtém o 3º lugar na preferência da comunidade. E é a escolhida. Por qual Cardeal?

Durante os debates, eu vi e ouvi ao vivo ela assinar um documento entregue pelos alunos, no qual afirmava que não assumiria o cargo

de reitora (mesmo que fosse escolhida pelo Cardeal) caso não obtivesse o primeiro lugar.

Sua resposta após a escolha, aceitando, denota que a ética foi para o espaço, o poder é mais importante. Primeira falha de caráter.

Segunda falha? Instada pelo reitor, Dr. Dirceu de Mello, no mesmo debate, a sra. não estava trabalhando para a Fundação, realizando projetos? Pega em flagrante delito ético, e surpresa com a pergunta, respondeu assustada: "Não, isso já faz muito tempo. Não tenho nenhuma ligação com a Fundação".

Vejam o resultado. Ouso dizer que já estava tudo combinado. Ela era a preferida da Fundação, e por quê? Antes uma pessoa silente e que a tudo obedece, do que um reitor que vinha resistindo ao assédio dos dois padres - e isso foi público - em despedir outra leva de funcionários e professores.

Finalmente, meus amigos e adversários, gostaria de concluir dizendo: Vamos requerer o que era nosso e nos foi retirado: Nossa dignidade e autonomia e, se possível, a administração de nossas finanças, para que possamos planejar nossa universidade conforme nossa capacidade.

Nota: Fiquei curioso com a assertiva de um nosso professor na assembleia do dia 23/11 sobre o dinheiro que vai para a OPUS DEI.

Muito Curioso!!!

Egydio Barbosa Zanotta é professor do Departamento de Administração

te aceitar que a justificativa financeira seja válida para que a precarização da universidade se aprofunde a passos largos.

É importante que o reitor por nós escolhido perceba que quem realmente se importa em manter a qualidade da nossa universidade, com a produção de um conhecimento crítico sobre a nossa realidade social, que marcou a história da PUC e a diferencia das demais universidades privadas existentes, e a democracia interna existente em nossos campi são hoje os que pedem a sua posse e não a mantenedora da instituição. É com estes setores que Dirceu deve se aliar para combater aqueles que visam a maior mercantilização da nossa instituição.

Redebater a estrutura interna de deliberações prevista em nossos estatutos, o contrato dos professores, a terceirização dos trabalhadores de segurança e limpeza, os altíssimos preços das mensalidades, a falta de uma creche para mães da comunidade, o baixo número de bolsas-doação aberto para a população de baixa renda, o alto preço da alimentação na universidade é central no próximo período.

Hoje temos a crise e para sairmos dela precisamos de mudanças radicais. Manter hoje o que já existe no máximo irá postergar o nosso golpe final. Temos que aproveitar este grito puxado pela greve geral, que nos mostra que a vida ainda percorre os corredores da universidade, para garantir que essa não seja apenas mais uma sobrevida e sim um grito de basta.

ROLA NA

NA GREVE

Comunidade impede entrada de Anna Cintra na reitoria

Na sexta-feira, 30/11, data da posse de Anna Cintra, quando D. Odilo divulgou um comunicado reafirmando sua indicação para gestão da universidade no próximo quadriênio, estudantes e professores se organizaram para fazer a recepção da nova reitora. Eles enfaixaram a PUC-SP com uma lona preta por toda sua extensão, representando o luto da democracia

e da comunidade, e esperaram a chegada de Anna Cintra.

O que parecia improvável, ou seja, que a nova reitora aparecesse, no entanto, aconteceu. Tão logo Anna Cintra chegou em frente ao Campus Monte Alegre, cercada por seus pró-reitores, os membros da comunidade presentes começaram a gritar "Fora Anna Cintra" e "Golpistas não passarão".

Eles formaram um cordão



Anna Cintra, no dia de sua posse, barrada pela comunidade, tentando entrar na reitoria

humano em frente à porta principal da reitoria, impedindo assim que Anna Cintra tomasse posse na reitoria para a qual não foi de-

mocraticamente eleita.

Ela deu meia volta, e pegou um táxi em direção à Fundasp.

Continuam os apoios ao movimento da PUC-SP

Mais apoios chegaram durante a última semana aos estudantes, professores e funcionários mobilizados pela democracia interna. O Sinpro Guapira (legal dos professores e professoras dos municípios de Mogi Guaçu e Itapira), o Grupo Teoria Social de Marx e Serviço Social, coordenado pelo Prof. Dr. Jose Fernando S. Silva na UNESP-Franca, o Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Goiás, Elisa Zaneratto Rosa, demais tutores, preceptores e bolsistas do PET-Saúde PUC-SP, Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). Alcina Maria de Castro Martins (ex-aluna da PUC-SP), a Comunidade

Acadêmica do Curso de Serviço Social da UNIRIO, a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia - ABEP, a Comissão de Gestão do FCL-SP - Fórum do Campo Lacaniano, o SINPRO Campinas e Região, o Conselho Regional de Serviço Social - CRESS 9ª Região/SP, Paulo Arantes (professor da Universidade de São Paulo), Vladimir Safatle (professor da Universidade de São Paulo), o jornalista Heródoto Barbeiro, a Juventude do PSOL no Ceará, o Centro Acadêmico de Comunicação Social da Universidade Federal de Uberlândia e o CADIR da Unesp Franca enviaram seus apoios à luta da comunidade puquiiana.

Imprensa continua repercutindo atividades da greve

As atividades e acontecimentos no período de greve estão sendo divulgadas massivamente pela imprensa. Sites como o R7, G1 e Terra, além de canais de televisão como a Record e Redetv, jornais, entre eles a Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo, e a rádio Rede Brasil Atual transmitiram notícias das

aulas públicas, assembleias e reuniões, como a do Consun na quarta-feira, 28/11. A atividade com Zé Celso chegou a ser capa da Folha. Além disso, internamente, o **PUCviva** lançou edições especiais, acompanhado da cobertura ao vivo da Agência Online Mauricio Tragtemberg, da Rede PUC e da TV PUC.

Desrespeito à comunidade

Na sessão do Consun de quarta-feira, 28/11, chamou a atenção a atitude dos conselheiros ligados à professora Anna Maria Cintra. Logo de início foi difícil conseguir-se quorum, porque nenhum deles estava na mesa do Conselho. Tão logo conseguiu-se quorum, cada um dos dez apoiadores foi entrando paulatinamente no plenário. Ao final da tarde a mesma cena se repetiu: logo que o plenário

deliberou sobre a concessão do efeito suspensivo ao recurso, os professores e funcionários foram saindo paulatinamente, deixando de votar as outras e importantes decisões. Cabe perguntar se os representados por estes senhores concordam com tal atitude, pois foram eleitos democraticamente para representá-los no maior Conselho acadêmico da universidade e, na hora H, omitem-se de suas atribuições.

Churrasco democrático



No sábado, 24/11 cerca de 100 pessoas estiveram presentes na região do Alto de Pinheiros, onde Anna Cintra mora, para fazer um Churrasco Democrático Diferenciado. Brincando com o nome dado aos eventos promovidos em regiões como Higienópolis e a Cracolândia, os estudantes acenderam a

churrasqueira em frente ao condomínio onde a nomeada pelo Cardeal reside e gritaram palavras de ordem como "Fora Anna Cintra!" e "Golpistas não passarão!", pedindo que a candidata nomeada recusasse o cargo, ilegítimo segundo o movimento grevista da PUC-SP.